

OPRESSÃO E REVOLTA

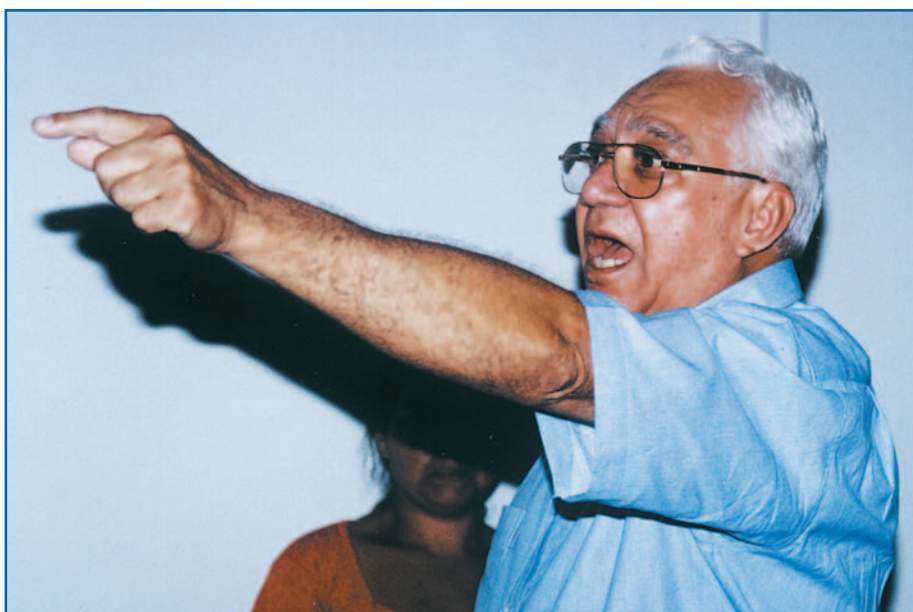
Numa época em que a violência imperava, os trabalhadores não eram respeitados e o sindicato não era ouvido, foi aceso o estopim do conflito

Primero dirigente sindical de Ipatinga, quando o município sequer havia se emancipado, portanto, sob jurisdição do Sindicato dos Metalúrgicos de Coronel Fabriciano, o ex-deputado estadual Geraldo dos Reis Ribeiro, presenciou os primeiros momentos da organização dos trabalhadores de Ipatinga e o massacre do dia 7 de outubro de 1963. Responsável pela condução das negociações e defesa dos interesses dos trabalhadores até a fundação da Associação dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ipatinga e a posterior fundação do Sindipa, Geraldo Ribeiro relata que a situação dos operários que trabalhavam em Ipatinga era muito difícil no início da década de 60.

SEM DIÁLOGO

Esta situação, segundo ele, piorava na medida em que as empresas não aceitavam o Sindicato como representante dos trabalhadores, a ponto dele ter sido expulso da sede de uma empreiteira sob a mira de um revólver 38:

“As empreiteiras que não cumpriam o mínimo de leis. Contratavam os homens e alugavam para a Usiminas sem carteira assinada, sem nenhum tipo de indenização, sem aviso prévio, sem nada. Inclusive, vendiam a rifa de uma geladeira todo final de semana para descontar dos operários e esta rifa nunca aparecia. Esta empresa chamava-se AP Cavalcanti. No dia em que visitei esta empresa, em cima da mesa, como um prendedor de papel, estava um revólver calibre 38, carga dupla. Quando conversei com o sr. Marcionílio que era o representante da empreiteira sobre os problemas em



Geraldo Ribeiro: “A maior mentira que já ouvi foi sobre as 7 mortes no dia 7”

sua empresa, disse-lhe que não podiam cometer aquelas barbaridades contra os funcionários. E ele simplesmente me disse: ‘O senhor saia daqui. Eu não converso com sindicato, não tenho nada a ver com sindicato’. Eu ponderei, tentei conversar, mas ele tocou a campainha e veio um homem parrudo, um segurança, e ele ordenou: ‘Faça o favor, ponha este moço para fora’. E eu falei: ‘Bom diante de um convite tão amigável, eu vou sair. Saí e quando cheguei na porta disse que ele ainda teria notícias minhas’.

O relato de Geraldo Ribeiro revela ainda como se davam as relações entre a empresa e o Sindicato naquela época. “Eles (a Usiminas) não aceitavam o Sindicato de maneira nenhuma, ainda que a lei reconhecesse o Sindicato como legítimo representante

dos trabalhadores. Os operários contribuíam com o Sindicato, mas se quisessem pagar a contribuição tinham que ir lá em Timóteo para pagar as mensalidades, porque a empresa não fazia o desconto em folha. Eu precisei fazer um ofício ao senhor ministro do trabalho na época para obrigar a Usiminas a descontar em folha. Só com o ofício do ministro a empresa concordou em descontar as mensalidades dos trabalhadores”.

ASSEMBLÉIA

Sobre o massacre do dia 7 de outubro, Geraldo Ribeiro conta que na véspera foi realizada uma assembleia para discutir os problemas que estavam ocorrendo em Ipatinga.

“Nesta assembleia, os operários tiveram a oportunidade de se manifestar, de